AVEIRO, 6 DE JANEIRO DE 1973 * ANO XIX * N.º 944

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo ★ Administrador — Alfredo da Costa Santos Proprietários — David Cristo e Francisco Santos ★ Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia « A Lusitânia », Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telef 23886 — AVEIRO

NIVERSIDADE • UNIVERSIDADE • UNIVER

SABOROSO PORVIR

DR. ORLANDO DE OLIVEIRA

O sono foi prolongado; durou doze anos!

E durante ele viveu-se um sonho lindo e empolgante que o não deixou ser tranquilo e repousante e reparador como conviria aparentemente. Ao contrário: o sonho era tão aliciante e era «mironado» por tantos «velhos do Restelo» que tudo em volta era agitação e dialéctica, às vezes especiosa e desalentadora.

Também havia quem acreditasse e com a sua voz aumentasse o volume do respectivo naipe coral. Mas eram poucos, quase se perdendo os seus ecos na atitude da «maioria silenciosa».

Até que, em 18 de Dezembro de 1972 soou violentamente o despertador que transportaria o sonho longo para o domínio do real. Anunciou-se que o Ministro da Educação Nacional faria ao País uma comunicação sobre a resolução do Governo acerca da localização dos novos Centros Universitários.

De duas uma: ou o sonho fagueiro viria a ser realidade e aumentaria o rol dos que Freud catalogava como sendo manifestações subconscientes do que efectivamente se deseja e ama; ou seria negado por essa mesma realidade e não passaria de ruínas esbarrondadas de um edifício mal construído com quimeras cimentadas com rendilhado fugidio da espuma de ondas de entusiasmo.

Acordar doloroso e lânguido de 24 horas, agravado ainda pela sofredora introdução (20 minutos?) da primeira parte do primoroso discurso ministerial.

Eram horas natalícias, bem o sabemos. Mas não tínhamos a certeza de a visita nos ser feita pelo Menino Deus, portador de Prenda valiosa como desejávamos, ou se pela divulgada caricatura de São Nicolau cujas barbas brancas apenas acariciassem efémeros brinquedos de corda.

Finalmente, embora houvesse que amarrar bem o peito para suster as pulsações cardíacas que alongavam indesejàvelmente a duração dos segundos, chegou a **grande hora de 19 de Dezembro**: Aveiro teria a sua Universidade!

Recolhimento em oração (não nos envergonhemos), telefones a vibrarem, garrafas de espumoso a detonarem a

Continua na página três

S. GONÇALINHO

De 13 a 16 de Janeiro, vão realizar-se nesta cidade, no típico bairro da Beira-Mar, os tradicionais festejos em honra de S. Gonçalinho.

Amanhã, domingo, 7, haverá, o costumado «cortejo de pastoras», cujo produto reverterá a favor daquelas festas. O cortejo será organizado junto à capela de Nossa Senhora das Febres, donde se dirigirá para a de S. Gonçalinho, em cujo adro serão arrematadas as oferendas.

Do programa dos festejos, que inclui variados e atraentes números, destacamos os seguintes: no dia 14 — cerimónias solenizadas de culto interno (ao fim da manhã e à tarde); e arraiais, com a colaboração das bandas Amizade e do Regimento de Infantaria 6. No dia 15 — à tarde e à noite « cavalhadas » e novos arraiais, estes com a participação dos conhecidos conjuntos musicais «The Pop Men» e «Amadeu Mota».

BARRO

Cavam as mãos abismos fundos
— sulcos de sangue! coágulos de chama!
E surgem novos mundos
sobrevoando pântanos e lama.

É o homem monolítico e telúrico
a condenar possíveis hiroximas:
— humano ácido úrico
mijando rimas!

Que o barro é igual e sempre em qualquer epiderme...
O Espaço e o Tempo não têm coordenadas...

— Em cada sonho ou golpe de asa — um verme
de asas verdes quebradas!

PEDRO ZARGO

Agosto/67

Para o livro: CORPO INTEIRO

O DISCURSO

DR. JOSÉ DE MELO

NADA impressiona mais o lapuz e leigo num assunto que ornar-se-lhe a pílula de um transcendental verbal. A velha história do saloio, mais permeável à admiração do que não percebe do que à aceitação do que lhe parece demasiado perto do seu entendimento. E o velho Macário bem o sabia, olha não, quando se luziu de *cujos*, de datas e de referências cultas, mau grado o *samos*, aquando da célebre discursata do jantar nupcial em que a Felícia apareceu vestida à grande, «de seda verde, com saias rijas que faziam frufru, e botinhas de duraque que rangiam nos tapetes com pompa».

Nestas férias de Natal entretive alguns momentos com uma peça de carregar pela boca do ultra-romântico Pinheiro Chagas, já na décima primeira edição em 1920 e que se dá pelo nome de *A Morgadinha de Valflor*. Pedro Paulo acha o soneto de Bernado Domingues muito pequeno: «Saiba vocemecê que um soneto, feito aos anos de minha irmã, nunca deve ser do mesmo tamanho que os sonetos feitos a qualquer /.../ Aqui está; por que é que estas linhas não chegam ao fim do papel? /.../ Daqui em diante, versos feitos a minha imã hão-de encher o papel todo».

Verdade verdadinha que já o Tito Lívio sabia das dificuldades de agradar a todos, e o refere no *Bellum Catilinae*; personagens de Gil Vicente sabem da arte de falar difícil; o deputado Doutor Libório de Meireles, filho do inventor da aguardente de nabos, se incomodava o fidalgo da Agra de Freimas com as citações latinas, os elegantes dizeres forrageados no Aires de Gouveia Osório, e tais ou quais «Locustas de excruciantíssimos tóxicos», nem por isso deixava de impressionar a maior parte da Câmara; e Pedro Paulo, e outros, não dispensam o seu latinzinho no sermão.

«Entra uma orquestra, que vem do fundo, supondo-se que sai do lado esquerdo da igreja; compõe-se principalmente dum zabumba, duma gaita de foles, duns ferrinhos, violas, rebecas e outros instrumentos. Tocam com grande desafinação. Seguem-se os mordomos, dois dos quais são Leonardo e José Félix; vestem casaca esguia com umas abas enormes e delgadas, colarinho de pontas espetadas, o chapéu tricórnio que se usava nos fins do século dezoito. Ar grave e digno, passo vagaroso. Todos acolhem o *estrondo* com grande gritaria e aplauso.

1.º camponês: — Vivam os nossos mordomos, que fi-

Continua na página três

ACONTECEU...

DR. ARAÚJO E SÁ

CONVERSA DE NATAL

AQUI, em Angola, é o fim de Dezembro!

Ai, na Metrópole, Dezembro está no fim! Foi Natal para uns... Outros não tiveram sequer Natal... Aliás, foi sempre assim! Aliás, assim continua a ser!

Mas, neste fim de Dezembro, parece-me ir sendo tempo (e mais do que tempo) de pôr fim a tanta coisa que já devia ter findado há muito tempo... Neste princípio de Ano-Novo, creio ir sendo tempo (e mais do que tempo) de principiar tanta coisa que já devia ter principiado há muito tempo...

E vamos à nossa conversa de hoje. Oxalá ela seja em família, pois sem família não há Natal! Pelo menos para mim.

Já lá vão uns meses — uns anos, talvez até — que a Televisão atirou, friamente, para o ar uma entrevista feita na rua (à laia de inquérito, que se me não afigurou construtivo) sobre a quadra de Natal. Ainda não foi dessa vez que a Televisão caíu no meu agrado... Antes pelo contrário! É que os entrevistados (acredito que sorteados, imparcialmente, como números de lotaria) parece que foram escolhidos a dedo, vestindo pelo mesmo figurino, revelando sentimentos iguais: uma

Continua na página três

REGOZIJO e GRATIDÃO do MUNICÍPIO

A Câmara Municipal de Aveiro, em sua reunião extraordinária, expressamente convocada, e realizada ao meio-dia de 20 de Dezembro transacto, deliberou enviar os seguintes telegramas, que logo foram expedidos, aos senhores Presidente do Conselho de Ministros e Ministro da Educação Nacional:

Senhor Presidente Conselho de Ministros — Lisboa. Câmara Municipal Aveiro sua reunião extraordinária hoje expressamente convocada consciente interpretar regozijo toda população que representa deliberou por aclamação manifestar Vossa Excelência e Governo o mais vivo e expressivo agradecimento transcendente decisão criação Universidade em Aveiro acontecimento considerado histórico para cidade e região que serve.

Senhor Ministro da Educação Nacional — Lisboa. Câmara Municipal Aveiro sua reunião extraordinária hoje expressamente convocada consciente interpretar regozijo toda população que representa deliberou por aclamação manifestar Vossa Excelência o mais vivo e expressivo agradecimento transcendente decisão criação Universidade em Aveiro acontecimento considerado histórico para a cidade e região que serve, só possível mercê esclarecida visão e superior empenho Vossa Excelência.

Mais foi então deliberado que o Presidente, o Vice-Presidente e os Vereadores se deslocassem ao Governo Civil, após a reunião, o que efectivamente se fez, e ali manifestassem ao Chefe do Distrito o agradecimento da Câmara por todas as incansáveis diligências feitas quanto à candidatura de Aveiro para ser contemplada com ensino universitário, a fim de servir a sua zona de influência.

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro

AVISO

Faz-se público que se aceitam requerimentos pelo prazo de 20 dias a contar da data do presente aviso, de interessados no preenchimento de uma vaga de

ENFERMEIRO

existente no Posto Clínico de Moselos

Nos seus requerimentos devem os interessados indicar, para além dos elementos habituais, o número da respectiva carteira profissional, bem como as últimas entidades para quem tenham trabalhado.

Aveiro, 5 de Janeiro de 1973

A Direcção

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro

AVISO

Faz-se público que se aceitam requerimentos pelo prazo de 20 dias a contar da data do presente aviso, de eventuais interessados no preenchimento de uma vaga de

ENFERMEIRA

existente no Posto Clínico de Vale de Cambra.

Nos seus requerimentos devem as interessadas indicar, para além dos elementos de identificação, o número da respectiva carteira profissional, bem como as últimas entidades para quem tenham trabalhado.

Aveiro, 5 de Janeiro de 1973

A Direcção

Concursos para Admissão de Médicos dos Quadros Clínicos das Instituições de Previdência

Estão abertos de 2 a 21 de Janeiro de 1973 concursos documentais de habilitação para Médicos dos quadros das intituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Av. Dr. Lourenço Peixinho AVEIRO	Alvarenga	— Clínica Médica
	Arouca	— Clínica Médica
	Couto de Cucujães	— Clínica Médica
	Lobão	— Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra Av. Fernão de Magalhães, 620 COIMBRA	Figueira da Foz	— Cirurgia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Rua Infante D. Henrique, 34 FARO	Faro	— Cardiologia
	Olhão	— Clínica Médica
	Portimão	— Cardiologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito do Funchal Rua do Bom Jesus, 13 FUNCHAL	Funchal	— Ortopedia
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa Av dos Estados Unidos da América, 39 LISBOA	Queluz	— Clínica Médica
	Sacavém	— Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas, 143 PORTO	Area da cidade do Porto	— Estomatologia
	Area da cidade do Porto	— Neuropsiquiatria Infantil
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas, 143 PORTO	Arcozelo	— Ginecologia
		— Obstetrícia
	Avintes	— Clínica Médica
	Penafiel	— Ginecologia
		— Obstetrícia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setúbal Praça da República SETÚBAL	Area da cidade de Setúbal	— Cirurgia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viseu Av. 28 de Maio, 31 VISEU	Cinfães	— Clínica Médica
		— Pediatria

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas Caixas e Previdê ncia interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 21 de Janeiro de 1973 na Inspecçao Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos, n.º 37-5.º Esq. Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1972

A Direcção da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

SABOROSO PROVIR

Continuação da primeira página

sua alegria, tudo isso foi uma mínima parcela do regosijo que completamente nos enchia a alma, a nós e a todos os aveirenses conscientes, espalhados pelo nosso território do Continente e do Ultramar e outras terras mais ou menos longínquas como por exemplo o Japão, donde também chegou amável mensagem.

Houve que trabalhar muito; pessoas qualificadas elaboraram relatórios exaustivos; e o Governo teve que «investigar na dúvida» para depois decidir com objectividade.

Aveiro desenvolve-se dia a dia com acentuado progresso, mas parece que a grande preocupação dominante é sòmente de ordem material. Apenas se houve falar em fábricas, em prédios de rendimento, em indústrias de pingues lucros e, se o futuro de Aveiro apenas contasse com essas realizações, teríamos em pouco tempo uma cidade com desenvolvimento desarmónico, hipertrofiado em alguns sectores e nulo no que será talvez o mais importante, o da inteligência.

A trilogia — corpo material, espírito e inteligência — ficaria defraudada e teria que produzir um conjunto social grandemente defeituoso.

Tal não aconteceu graças à valia dos trabalhos produzidos nos Gabinetes de Planeamento e, sobretudo, graças à coragem, hombridade e seriedade das metodologias aplicadas por quem arcou com as responsabilidades da decisão.

Deste modo, poderemos atestar para o presente e para o futuro que, na continuação da resolução anunciada em 19 de Dezembro de 1972, Aveiro virá a ser em breve uma grande cidade com o seu Porto, a sua Indústria e o seu Comércio e, além de grande, será também bela, remoçada e donairosa, com a sua Sé e o seu Bispo e a sua Universidade, todos a cuidarem dessa grandeza nos múltiplos aspectos que um desenvolvimento pode e deve comportar.

Quem tão valiosamente concorre para o nosso progresso, merece a gratidão dos beneficiados e esses são todos os habitantes da região. Os jovens porque serão os que directamente irão sorver com avidez o novo leite de Minerva; os pais porque sentirão facilidades incalculáveis para a promoção dos seus filhos; os comerciantes, os proprietários e os industriais porque verão aumentar os mercados dos bens de consumo; os habitantes do sector terciário porque verão subir grandemente as possibilidades de emprego; etc., etc., etc.

Ninguém ousará duvidar destas grandes verdades. Por isso mesmo, ninguém deixará de assinalar com a sua presença e colaboração o momento do agradecimento ao Governo e ao Ministro da Educação, logo que seja chegado o momento azado para o fazer.

A Câmara embandeirou, repicou e reuniu; as gentes saberão também marcar a sua posição. O povo será inteligentemente compreensivo e, se for preciso, até saberá ser generoso para quem lhe ofereceu tão grande dádiva.

Este pobre arrazoado está escrito com o coração! Pois está, mas mal de nós quando parar o coração e não brotarem dele os sentimentos da generosidade e da gratidão.

ORLANDO DE OLIVEIRA

Aconteceu...

Continuação da primeira página

maioria esmagadora afirmou — com o mais descarado descaramento deste mundo — que o Natal não tem significado algum. Bem sei que os gostos se não discutem, pois se eles fossem iguais para todos andaríamos na rua enfarplados do mesmo modo, à laia de irmandades, confrarias ou asilos. Mas porque, graças a Deus, somos diferentes, ainda bem que nos sentimentos que nos norteiam diferimos também.

Pois nós, por cá (e que tal se não esqueça), sentimos não nos ter sido possível ter Natal. Talvez o não tivessemos tido para que outros o pudessem ter... Por isso — e por isso só — andamos de cabeça levantada, enquanto alguns só olham para o chão...

Estampou-se-nos no rosto — apetecia-me dizer de todos — a mágoa de não termos junto de nós a família, os amigos, tantos a quem tanto queremos, tantos que tanto lembramos, tantos que tanto nos querem, tantos que tanto nos lembram.

Que mais será Natal do que família, amor, paz, ajuda, perdão? Que mais será?

Mas... para muitos nada é! Agora — talvez agora só — eu tenha sabido porque aqui estou... Agora — talvez agora só — eu e tantos mais, tenhamos compreendido as lágrimas choradas por não termos tido Natal...

ARAÚJO E SÁ

O DISCURSO

Continuação da primeira página

zeram uma festa como nunca se viu!

2.º camponês: — Que boa festa! que musicata!

1.º camponês: — Parabéns, sô Leonardo! O sermão foi coisa rica!»

O *estrondo* atravessa então a cena, em direcção aos bastidores da direita, e sai juntamente com os mordomos. Leonardo quando vai a sair, dá de rosto com o capitão-mor, o já nosso conhecido Pedro Paulo, personagem da *Morgadinha de Valflor*, que entra tomando uma pitada de rapé, como quem veio de passeio ver a romaria.

«*Pedro Paulo*: — Olá, sô Leonardo como vem pimpão! Fale à gente, homem de Deus.

Leonardo: — O senhor capitão-mor veio ver a nossa pobre romaria?

Pedro Paulo: — É verdade; fica-me à porta... como estou agora em casa de minha irmã. Que eu estive na festa, olé!

Leonardo: — E v. sr.ª ficou satisfeito?

Pedro Paulo: — Sim, senhor, tudo com muita ordem. Do que eu não gostei foi do sermão.

Leonado: — Não gostou?

Pedro Paulo: — É verdade; achei que tinha pouco latim.

Leonardo, com admirativo respeito: — V. s.ª sabe latim?

Pedro Paulo, que vai a tomar uma pitada, suspende-a a meio caminho do nariz, pasmado da pergunta; depois de breve pausa: — E você, sô Leonardo, sabe?

Leonardo: — Eu não senhor.

Pedro Paulo, tomando a pitada tranquilamente: — Nem eu.

Leonardo: — Ah!

Pedro Paulo: — Pois então? Sermões que eu entenda, também eu os sei fazer... Olhe lá, sô Leonardo, seu sobrinho é que havia de dar um famoso pregador.

Leonardo: — Porquê, senhor capitão-mor?

Pedro Paulo: — Porque esse fala latim, até quando fala em português».

A peça vem a dar em vozes embargadas pelo pranto. Leonor, que tem a mão de Luís nas suas, ergue-se desvairada, perguntando ao seu Luís se ele não na ouve. Põe-lhe a mão no coração, desvia-se para trás com um grito de «supremo desespero». Luís morrera, pois era dos fados que o mundo havia de separá-los, que havia de separá-los a sua lei mentida, que só o céu os havia de unir. E, aparentemente, e para leigo, o título do apontamento nada tem a ver com o sermão e o mais. Mas até convém, *et pour cause*. Para parecer latim.

JOSÉ DE MELO

II Colóquio Nacional da Indústria da Construção Civil

A INDÚSTRIA da construção ocupa, actualmente lugar de relevo no panorama económico de todas as nações. Construir significa equipar e, dentro deste princípio, querem os industriais portugueses evoluir no sentido de um maior incremento dentro da sua actividade e, também, de uma melhor compreensão dos problemas relativos ao sector.

Desta feita o II Colóquio Nacional da Indústria de Construção, a realizar na primeira quinzena de Junho em Lisboa, vai possibilitar a permuta de ideias, métodos e sistemas, além de nele se analisar o momento por que passa a construção civil. Na linha geral de preocupações e anseios estão vários factores que se ligam com o próximo plano de Fomento Nacional.

Para tanto, está a Comissão Executiva do Colóquio a organizar uma programação tão completa quanto possível, a fim de serem tratados temas diferentes tais como o mercado, a estrutura empresarial, problemáticas legal e regulamentares, mão-de-obra, técnicas de construção, segurança no trabalho, materiais e outros.

Dentro desse contexto, realizou-se já uma reunião no passado dia 28 de Dezembro, pelas 21,30 horas, da Comissão Executiva do Norte, na sede do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte, para tratar de assuntos referentes ao II Colóquio da Indústria da Construção.

Além disso, está prevista uma nova reunião da mesma Comissão Executiva do Norte na Sede do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte, sita à Rua de Álvares Cabral, n.º 306, Porto, no próximo dia 9 de Janeiro corrente, pelas 21,30 horas, para discutir e analisar problemas de importância vital para a classe.

Entretanto, efectuar-se-ão reuniões de divulgação do Colóquio nas capitais de Distrito.

Admissão de Guardas na P. S. P.

Tendo em vista permitir aos Cabos, Soldados e Marinheiros, recentemente regressados do Ultramar, uma rápida admissão na Polícia, que lhes permitirá beneficiar das regalias concedidas recentemente ao pessoal desta Corporação, é aberto um CONCURSO EXTRAORDINÁRIO PARA GUARDAS DA P. S. P., estando previsto que as provas de admissão se realizem no dia 28 de Janeiro de 1973 e que o alistamento tenha lugar em meados do mês de Fevereiro seguinte.

Os Cabos, Soldados e Marinheiros, que não tenham prestado serviço no Ultramar, poderão também concorrer, para eventual completamento do contingente a alistar.

As condições de admissão, programa de concurso, bem como as normas da documentação a apresentar, podem ser consultados no Comando-Geral da P. S. P., Av.ª António Augusto de Aguiar, n.º 18, em Lisboa, ou ainda em qualquer Comando Distrital de Polícia, nas sedes do Concelho onde existam Secções, Esquadras e Postos Policiais, ou solicitadas por carta dirigida ao referido Comando-Geral.

Os documentos podem ser enviados ao Comando-Geral da P. S. P., sob registo do correio, ou entregues directamente em qualquer Comando de Polícia, nas secretarias das Unidades Militares ou das Câmaras Municipais.

As provas do concurso terão lugar nas sedes dos distritos onde os candidatos tenham o seu domicílio habitual, ou em qualquer outro distrito se assim o declararem nas suas pretensões.

Durante a instrução em Escola de Alistados, de doze a catorze semanas, os candidatos incorporados terão direito a alimentação e alojamento por conta do Estado, bem como ao respectivo vencimento de guarda instruendo. Finda a referida instrução e obtido aproveitamento, serão considerados guardas de 2.ª classe, com o correspondente aumento de vencimentos.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	AVEIRENSE
Domingo	AVENIDA
2.ª-feira . . .	SAÚDE
3.ª-feira . . .	OUDINOT
4.ª-feira	NETO
5.ª-feira	MOURA
6.ª-feira . . .	CENTRAL

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

MOVIMENTO DO PORTO DE AVEIRO

NAVEGAÇÃO

Durante o mês de Novembro de 1972 entraram no porto de Aveiro 46 navios, que totalizaram 48 453 toneladas de arqueação bruta, assim distribuídas: 28 navios com bandeira nacional, 33 812 tAB; e 18 com bandeira estrangeira, 14 641 tAB.

Atingiu-se, assim, em 30 de Novembro o número de 429 navios entrados no ano findo no porto de Aveiro, com uma arqueação bruta total de 366 152 toneladas.

Em relação ao mesmo período do ano passado, verificou-se um aumento de 58 navios e de 84 541 tAB, ou seja, respectivamente, um acréscimo de cerca de 16 % a 30 %.

MERCADORIAS

Também durante o mês de Novembro, o movimento do porto de Aveiro atingiu as 23 131 toneladas, assim distribuídas: mercadorias entradas, 8 729; e, saídas, 14 402.

Atingiu-se, deste modo, até 30 de Novembro, o movimento correspondente a 265 001 toneladas, assim distribuídas: 107 772 de mercadorias entradas e 157 229 ton. de mercadorias saídas.

Tais valores correspondem a um aumento de 43 415 toneladas em relação a igual período do ano antrior, ou seja, cerca de 19,6 % de aumento no movimento de mercadorias.

O Pescado movimentado no porto de pesca costeira de Aveiro atingiu, no mês de Novembro de 1972, o montante de Esc.: 3 571 018$00, correspondendo: 2 272 062$00, ao peixe do arrasto costeiro; 1 013 103$00, ao peixe das traineiras; e 285 853$00, do peixe da pesca artesanal.

Neste sector das actividades do porto de Aveiro sentiu-se uma quebra em relação ao movimento verificado no ano anterior.

MOVIMENTO DE TURISTAS

Durante o mês de Dezembro findo, o número de turistas que se dirigiram ao posto de informações da Comissão Municipal de Turismo foi de 44 estrangeiros e 212 portugueses.

No ano transacto, foram atendidos naqueles serviços 5 915 portugueses e 6 027 estrangeiros, na sua maioria franceses, ingleses, espanhóis, alemães e americanos.

A maior afluência de consulentes registou-se nos meses de Agosto, Julho e Setembro.

SOCIEDADE RECREIO ARTÍSTICO

Hoje, 6, pelas 21,30 horas, realizar-se-á a Assembleia Geral Ordinária da Sociedade Recreio Artístico, na sede da colectividade, à Rua de Gustavo Ferreira Pinto Basto, com a seguinte ordem de trabalhos: *a)* Aprovação do Relatório e Contas do ano de 1972; *b)* Tratar de qualquer assunto de interesse para a Sociedade; e *c)* Eleição dos corpos gerentes para 1973.

CURSO BÍBLICO

Vai iniciar-se mais um Curso Bíblico nesta cidade, sob a orientação do sr. Padre Arménio Alves da Costa, Pároco da Glória. Constará de 20 lições, que serão dadas às terças e quintas-feiras, das 21,30 às 23 horas, a partir do dia 23 de Janeiro corrente.

As inscrições estão abertas no Secretariado Paroquial da Glória e no Secretariado Diocesano de Pastoral (Rua de José Estêvão, 50, telefone 25687), onde serão prestadas informações.

BIBLIOTECA MUNICIPAL

A Biblioteca Municipal de Aires Barbosa registou, durante o mês de Dezembro transacto, a presença de 439 leitores, sendo escassa a frequência nocturna, que se limitou a 4 leitores.

CAIS DA PRAÇA DO PEIXE

A Junta Autónoma do Porto de Aveiro mandou construir umas cortinas no cais do Canal da Praça do Peixe, obra que se encontra quase concluída e que muito beneficia aquela zona citadina.

Resta que as obras de saneamento venham a permitir que aquele canal, agora muito assoreado e cheio de lixos, apresente também o aspecto de limpeza que se impõe.

Festas da Quadra Natalícia

• NOS «BOMBEIROS VELHOS»

No quartel-sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro teve lugar, no dia 15, a usual ceia de confraternização, em que se reuniram os elementos directivos, do Comando e do Corpo Activo, e que decorreu em ambiente de sã alegria.

Em festa que posteriormente se realizou, foram distribuídas as consoadas do Natal aos bombeiros, tendo recebido brinquedos e guloseimas os filhos dos que servem na prestante corporação.

• NOS «BOMBEIROS NOVOS»

A festa natalícia da Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» realizou-se na noite de 23, com a presença dos bombeiros e seus familiares: estes receberam a usual consoada e as crianças brinquedos e bolos.

Colaborou na reunião, com geral agrado, um conjunto artístico dos Bombeiros Voluntários de Vagos, que deliciou a assistência com números de ilusionismo, de música e cómicos.

• NA P. S. P.

Na tarde de 18 de Dezembro, realizou-se, na sede do Comando de Aveiro da P. S. P., a costumada festa natalícia, com vista, especialmente, à distribuição de brinquedos e guloseimas aos filhos dos guardas.

Presidiu o Secretário-Geral do Governo Civil, Dr. Artur Cunha, em representação do Chefe do Distrito, ladeado pelo Capitão-Capelão Rev.º Padre Lúcio Marçal (que representava o General Comandante-Geral da P. S. P.), pelo Dr. Fael e pelo Tenente Freitas, respectivamente Médico e Comandante da Secção de Espinho, pelo Rev.º Pároco da freguesia da Glória, Padre Arménio, e pelo Chefe José Dias, Comandante da Esquadra de Ovar.

Usaram da palavra o Comandante Distrital, Capitão Amílcar Ferreira, e alguns elementos da mesa, aquele para realçar o significado da festa e os demais para louvarem a tão simpática iniciativa, a que tanto carinho dispensa o Comandante Distrital.

• NA VISTA - ALEGRE

Como já vai sendo hábito, as Fábricas da Vista-Alegre promoveram uma interessante festa de Natal, em que tomaram parte largas centenas de pessoas (nomeadamente os filhos dos operários daquela importante empresa) que se deslocaram ali para apreciarem um monumental e artístico presépio.

• NO ROTARY CLUBE

Também o Rotary Clube de Aveiro teve o seu Natal: sob a presidência do sr. Dr. Humberto Leitão, em convívio que reuniu elevado número de crianças, foram distribuías lembranças a todos os jovens presentes.

Durante a reunião, usaram da palavra o Presidente e os rotários José Rodrigues Soares e Abel Santiago.

• NA G. N. R.

Por iniciativa do Comando da Guarda Nacional Republicana de Aveiro, tanto na sede, nesta cidade, como nos postos da corporação, em número de cerca de três dezenas, instalados nos diversos concelhos do distrito, realizaram-se, no dia 22 de Dezembro findo, simultâneamente, festas natalícias dedicadas aos filhos e familiares dos elementos componentes daquela unidade.

Na sede do Comando distrital, e com a presença de cerca de centena e meia de pessoas, estiveram os Comandantes da Companhia, da Secção, do Destacamento de Trânsito e do Posto, respectivamente, srs. Capitão Armando Correia, Tenentes Martinho Mota e Neves de Matos e 1.º Sargento Fernando de Melo Aparício.

Proferiu algumas palavras alusivas ao significado da festa o sr. Capitão Armando Correia, depois do que foram distribuídos brinquedos e guloseimas às crianças presentes.

• NO JARDIM - INFANTIL DA VERA - CRUZ

No penúltimo dia do ano transacto, no salão de festas das Fábricas Aleluia, realizou-se, igualmente, conforme anunciámos nestas colunas, uma festa de Natal dedicada às crianças que frequentam o Jardim-Infantil da Vera-Cruz e, também, às que já anteriormente utilizaram os seus serviços.

O Grupo de Teatro da Sociedade Central de Cervejas, de Coimbra, representou, com inteiro agrado, a peça «O rei está a arder», de Mário Castrim, e, antes de uma merenda ali servida, as próprias crianças cantaram canções da quadra natalícia.

• NA «CASA DOS PESCADORES»

A quadra festiva do Natal foi motivo para uma reunião com as crianças filhas de marítimos, realizada na sede da Casa dos Pescadores de Aveiro.

Presidiu ao convívio — durante o qual foram distribuídos brinquedos, agasalhos e géneros alimentícios — o sr. Comandante João Carlos Alvarenga.

Nos postos de socorros daquela instituição (do Furadouro, Torreira, Murtosa, Ovar, Gafanha da Nazaré e Costa-Nova, na Cantina Escolar da Praia de Mira e no Centro Social de Ílhavo), realizaram-se idênticas reuniões.

No dia 24 do mês findo, na igreja paroquial de Ílhavo, realizou-seo casamento da sr.ª D. Marília Malaquias Marnoto, filha da sr.ª D. Marília Malaquias Marnoto e do sr. Armando dos Santos Marnoto, com o sr. Manuel Fernando Guerra Lopes, 1.º Sargento da F. A. P., actualmente a prestar serviço na Guiné, filho da sr.ª D. Sofia da Conceição Guerra e do sr. José Simões Lopes.

Serviram de padrinhos a sr.ª D. Maria de Fátima Guerra Lopes e o sr. Carlos Alberto Henriques de Oliveira.

No final, foi servido um fino almoço aos convidados, no Hotel Imperial, nesta cidade.

Agradecimento

Vasco Pinho, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem, por este meio, agradecer, muito reconhecido, a todas as pessoas que se têm interessado pelo seu estado de saúde e às que lhe quiseram proporcionar um auxílio monetário durante a sua doença.

Tribunal Judicial da Comarca de Vagos

ANÚNCIO

2.ª Publicação

No dia 19 do próximo mês de Janeiro, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória vindos do 1.° Juízo da Comarca de Aveiro, extraídos dos autos de Execução de Sentença, que o Engenheiro Francisco Soares Pinheiro, de Aveiro, move contra os executados Ernesto de Almeida e mulher, residentes em Cabeço das Pedras, desta comarca de Vagos, há-de ser posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte móvel penhorado àqueles executados: «UM VEÍCULO LIGEIRO DE MERCADORIAS», de caixa aberta, a gasóleo, com a matrícula BC-29-73, que se encontra estacionado junto ao Posto da Guarda Nacional Republicana desta vila de Vagos, que vai à praça pelo valor de 48 000$00.

Vagos, 13 de Dezembro de 1972.

O Juiz de Direito,
João Henriques Martins Ramires

O Escrivão de Direito,
António José Robalo de Almeida

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro

AVISO

Faz-se público que se aceitam requerimentos pelo prazo de 20 dias a contar da data do presente aviso, de eventuais interessados/as no preenchimento de uma vaga de

AUXILIAR DE ENFERMAGEM

existente no Posto Clínico de Pardilhó.

Nos seus requerimentos devem os interessados/as indicar, para além dos elementos de identificação, o número da respectiva carteira profissional, bem como as últimas entidades para quem tenham trabalhado.

Aveiro, 5 de Janeiro de 1973

A Direcção

Continuações

Começar o ano a matar e acabá-lo a morrer!

sem o qual o Desporto não passa de uma fórmula de distracção, dura e fria.

Nós somos já um número razoável — 14 ao todo; mas para alguns — felizmente muito poucos — o ser filiado da Associação Distrital ainda só significa a pacífica propriedade de um rinque ou pavilhão, apto para a prática da modalidade.

É aí que temos de fazer mais demonstrações, com a ajuda dos outros. É certo que sem a indispensável vontade local, também nenhum plano de pressão por meio de encontros ou festivais de divulgação consegue resultar; mas, mesmo assim, pensamos semear primeiro para colher depois. O contrário é que não trará fecundidade alguma.

Há um caminho para esse mesmo fim, mais definido, mais concreto e já experimentado com excelentes resultados. Consiste na oferta a cada um desses clubes, de meia dúzia de pares de patins de recreio, que, milagrosamente, costumam multiplicar-se rápida e progressivamente.

Ora, V. Ex.as estarão todos, certamente, como nós, a pensar que essa será a grande missão do nosso prestigioso delegado distrital da Direcção-Geral dos Desportos, Sr. Engenheiro Branco Lopes!

É por saber do interesse de V. Ex.a, já não digo pela nossa sobrevivência, mas, felizmente, pelo nosso trabalho e progresso, e que se lhe tornou merecedor de carinho e de atenção, que fazemos alusão à petição de o Fundo de Fomento Desportivo entregar cinco pares a cada um dos clubes que não foram contemplados com os oferecidos em tempos pela Federação, e que foi agora reformulada por novas vias.

V. Ex.a deu-nos a honra e a amizade de vir presidir a este jantar. Veio, como muitas vezes acontece, com algum sacrifício, mas com muita fidelidade ao alto cargo que desempenha.

Têm-se feito bons progressos no campo do Desporto da nossa região, sobretudo no domínio das chamadas Escolas de Desporto; mas não esqueçamos que, por trás de tudo, está o qualificado trabalho do nosso ilustre Delegado, já que mesmo sem grandes recursos vêm-se a cumprir importantes deveres.

Pois, esta batalha do crescimento, rápido e em força do hóquei em patins do nosso Distrito, não deixará — estou certo — de continuar a merecer de V. Ex.a todas as ajudas sensatas que lhe pedirmos, pois o horizonte de combate é vasto e a contínua presença de V. Ex.a na «ponte de comando» é papel de destacada e indispensável importância.

Como sucede desde a primeira hora, todos confiamos, em absoluto, Sr. Eng.º Branco Lopes.

Mas, por mais que os clubes, a Associação e a Delegação Distrital da Direcção Geral dos Desportos façam, não se pode dispensar a iniciativa e a ajuda da Federação.

É muito difícil governar a Federação Portuguesa de Patinagem. É preciso, acima de tudo, refrear muitos núcleos, que já vêm de trás e abundam na nossa modalidade.

Quem governa deve procurar satisfazer a todos, mas no Hóquei em Patins isso é impossível. Somos de uma modalidade — única aliás — que tem, alto valor mundial e, por isso, temos muitos «sabichões».

Então o dirigente da Federação tem de ter uma resistência, uma força de ânimo e uma determinação inultrapassáveis!

Graças a Deus é o que acontece com os seus actuais dirigentes. Com o seu ilustre Presidente, Sr. Castell Branco, — que muito lamentamos não ter podido concluir esta viagem — há simpatia, tacto, jeito, personalidade e muito talento.

Fica-se a ser admirador de todos estes directores, pois têm resolvido situações delicadíssimas. Captaram a consideração de todas as Associações, pela sua amabilidade, pela sua prudência, pelo seu valor, pelo que é sentimento geral, meus senhores, que não podíamos ter eleito melhor.

Precisamos muito que às boas-vontades que há já nos vários níveis do Desporto do Distrito — e incluo nesse número os distintos jornalistas — se congregue a compreensão de V. Ex.as para os nossos casos particulares, nomeadamente nos que se ligam à já referida estruturação territorial definitiva, no encorajar para novas iniciativas que reprimam a inacção, que sempre surje baseada em que já se fez alguma coisa e, indispensàvelmente, no apoio material para que as exigências do futuro do Hóquei em Patins do Distrito de Aveiro, sejam correspondidas por um mínimo, e que não trave a nossa luta do dia-a-dia.

Do subsídio anual que nos tem sido entregue, pràticamente metade é utilizado nas preparações e deslocações das Selecções de Aveiro de Seniores e Juniores, pois todas as épocas têm a obrigação de participar nos respectivos torneios oficiais.

Poder-se-á pensar que «não havendo, também não se deve gastar»; mas, em actividade tão importante, não se podem fazer grandes reservas, pois tal decisão iria implicar, òbviamente, com o bom nível das Selecções. Ora o nosso povo é brioso por si, e, a Associação não pode desacompanhar, nem por um momento, as suas turmas representativas.

Tal dispensa iria produzir, de imediato, maus frutos em muitos outros aspectos, pois chegava-se à situação confrangedora de um conjunto de atletas bons — pertencentes a clubes que se esforçam por apresentar boas equipas — obterem maus resultados e não corresponderem ao interesse de um público, e de um povo, que é o mesmo.

Sublinho também que a nossa modalidade muito está necessitada de Selecções niveladas e se não vencermos essa dificuldade pela preparação a tempo e horas, estamos a aumentar o fosso existente, o que contraria as exigências do Hóquei em Patins Nacional.

Precisamos também de muito dinheiro para pôr em marcha os Campeonatos Distritais de Juniores e Juvenis e, quem dera, também o de iniciados.

Qualquer dia, que prevemos seja breve, os Galitos, o Beira-Mar, o Alba, o Lamas, o Cucujães, o Oliveirense, o Mealhada, a Sanjoanense, o Anadia, o Sangalhos, a Ovarense, o Illiabum, o Curia e o Oleiros, estão a constituir equipas provenientes das escolas de jogadores — e, naturalmente, querem jogar, desejando que a sua Associação organize mais provas, pretendendo comparticipar da grandeza do verdadeiro Desporto Federado.

Mas não contemos, srs. Directores da Federação, que possamos suportar mais do que os prémios de arbitragem, pois o material é caro, as deslocações são grandes, e nas categorias inferiores não há receitas. As enormes verbas dos transportes das mesmas equipas de arbitragem têm de ser de conta da Asociação. O contrário era não estar atento às realidades e querer desenvolver uma modalidade com ilusões.

A não inclusão no orçamento da A. P. A. dessas despesas, era converter todo o esforço que se pede aos clubes, numa situação de perfeita insolvência, com paralização da actividade e perspectivas de um futuro desastroso.

E já não se fala em despesas de representação, mesmo as mais vultuosas, pois têm sido sempre suportadas pelos directores da Comissão Administrativa. E de tal modo já estão tão integrados no sistema, que não se lembram deles próprios.

Bem sabemos que a Federação tem também necessidades inadiáveis e para pagar as imensas despesas que oneram a sua actividade, comete prodígios.

Mas, Sr. Vice-Presidente e srs. Directores, na verba global que é destinada às Associações, a posição da nossa não corresponde, como hoje viram pessoamente, à realidade. Constituímos um grupo de trabalho dentro do hóquei em patins que pelo número dos que o constituem e pelo seu valor, precisa de ser classificado no verdadeiro lugar.

Era nosso dever chamar a atenção para esta situação real, mas também teremos a certeza de que, pela já demonstrada capacidade de visão de V. Ex.as, chegaram à mesma conclusão e da igual imaginação e da muita vontade em nos ajudar, obter-se-á sempre um êxito também económico.

Ao terminar estas palavras, escritas ùnicamente com a alma, e com a fé de que estamos no caminho verdadeiramente conveniente para o futuro do Hóquei em Patins do Distrito de Aveiro, permitam-nos, Srs. Directores, que lhes entreguemos umas modestas lembranças, que os clubes da Associação de Patinagem de Aveiro nos incumbiram de ofertar, com o nosso muito obrigado pela visita que fizeram à Casa de cada um, e com os votos das maiores prosperidades pessoais e de horas felizes à frente da nossa cinquentenária e gloriosa Federação Portuguesa de Patinagem.

T. D.

Beira-Mar: 51 anos

e a«Banda Amizade». Este ano, por justas e compreensíveis impossibilidades, não seria possível a presença daquela Banda de Música no dia 1.º de Janeiro. Assim, foi antecipada a cerimónia para hoje. Do facto foi dada a devida publicação; mas aqui fica, para os sócios aqui presentes, a justificação.

•

Dentro do ciclo da Festa do Aniversário, serão concretizadas, em Janeiro, algumas iniciativas já programadas.

E, ainda no ano que vai correr, iremos ter, de-certo, uma grande festa: a inauguração do Pavilhão!

O Sport Clube Beira-Mar teve uma grande prenda de Natal, uma valiosíssima prenda de anos. Recebemos uma carta, que, na sua gentileza, traduz viva e enorme grandeza. Através das competentes repartições, o Sr. Ministro das Obras Públicas concedeu a comparticipação de 700 contos (300, relativos a 1972 e 400, em relação a 1973) para as obras do Pavilhão do Beira-Mar.

Temos de proferir, desde já, uma palavra especial para o Sr. Governador Civil. Ela é simples, mas diz muito: OBRIGADO! Na devida altura, em devidos termos, faremos os devidos agradecimentos.

•

Temos hoje, entre nós, providencialmente, a presença do Sr. Director-Geral dos Desportos, Dr. Armando Rocha, a quem apresentamos cumprimentos e deixamos agradecimentos pelo que tem feito a bem do nosso Clube.

Finalmente, aproveita a Junta Directiva este ensejo para apresentar a todas as Ex.mas Autoridades, todos os Clubes, todos os sócios, atletas e simpatizantes do Sport Clube Beira-Mar cumprimentos de Boas-Festas e os seus votos de muitas prosperidades no próximo ano.

Para um Beira-Mar cada vez maior — Viva o Sport Clube Beira-Mar!

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que por este Juizo de Direito e 2.ª Secção de Processos, e nos autos de HABILITAÇÃO DE HERDEIROS, requerida por MARIA JOSÉ LOBO DE SOUSA, viúva, e outros, de AVEIRO, contra Manuel dos Santos e mulher Maria Emília da Cruz Rosa, residentes em Bunheiro, concelho de Oliveira do Bairro, da comarca de Anadia, correm éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio no competente periódico, notificando os aludidos requeridos, que tiveram o último domicílio conhecido naquele lugar, para, no prazo de 8 dias, posterior ao dos éditos, contestarem, querendo, o pedido de habilitação de herdeiros requerido pelos referidos requerentes, seguindo-se os demais termos do art.º 374.º do Código Civil de Processo Civil, — pedido que consiste em que Rui Jorge Cardoso Neves, Maria Natalina Cardoso Neves, João Luís Cardoso Neves e Maria Manuela Cardoso Neves, filhos do falecido exequente José Manuel Neves, e bem assim a sua viúva Maria José Lobo Cardoso, sejam julgados habilitados a prosseguir, como exequentes, na execução de sentença contra os notificandos.

Aveiro, 3 de Janeiro de 1973.

O Juiz de Direito

a) *Afonso Andrade*

O Escrivão de Direito,

a) *João Gabriel Patrício*

Beira-Mar — Farense

34 m., Sobral, extremo-esquerdo do Farense, recebeu ordem de expulsão, em lance que a muitos espectadores terá passado em claro.

O dianteiro algarvio, após ter sido carregado por um beiramarense, protestou junto do árbitro, que, de imediato, lhe mostrou o «cartão vermelho», o indesejado «passaporte» para a antecipada recolha aos balneários...

Outra cena de certo modo aborrecida. Aos 17 m., depois de lances um tanto viris, em excesso, sucessivamente em choques com Almeida e, depois, com Soares, Farias ficou sobre o relvado. Em princípio, supôs-se que o futebolista pretendia «queimar tempo», simulando lesionamento inexistente. E o jogo prosseguiu. Momentos após, o ponta-de-lança algarvio acabou por ser assistido e recolheu, em maca, para o balneário, onde, felizmente se verificou não haver fractura. Todavia — e isso mesmo pudemos observar, no fim do jogo — Farias sofreu ferimento profundo e extenso, na perna direita, suturada com diversos pontos naturais.

Um incidente ocasional, sem dúvida, mas que se lamenta.

No segundo meio-tempo, em vantagem numérica, o Beira-Mar forçou, naturalmente, o ataque, carregando a fundo sobre o último reduto do Farense, onde o brasileiro Valdir surgiu a actuar com real produtividade para os interesses da equipa — que lutava para segurar o «nulo», raramente se aventurando no contra-ataque.

Entretanto, e quando menos se esperava, foi o grupo algarvio a inaugurar o marcador, em fugida concretizada, com êxito (e certa felicidade), por Farias.

O tento perturbou, um tanto, a turma local, que, à medida que o tempo se esgotava, mais se enervava e, naturalmente, perdia faculdades, complicando-se o que bem simples poderia ser. Ao invés, serviu para moralizar o grupo forasteiro, que lutava, com arreguenho, em inferioridade — de um jogador (depois da expulsão de Sobral), e, mais tarde, de dois elementos (quando Farias teve de sair do relvado, já depois de esgotadas as substituições permitidas).

Na tentativa de remar contra a maré, o Beira-Mar prescindiu de um médio (Inguila)e de um defesa (Ramalho), fazendo entrar dois novos avançados, Edson e Eduardo, em busca de fortalecer, com sangue novo, o sector ofensivo.

Resultou, em parte, o forcing final dos aveirenses. Quase no termo do desafio, a igualdade foi reposta. E Alemão ,autor do golo, quase bizava a proeza ,logo no reinício do prélio. Rui Paulino é que, com nova blocagem — hegura e oportuna —, evitou o golo e o êxito dos beiramarenses, garantindo preciosa (mas pouco justa) repartição dos pontos em disputa, uma vez que o Beira-Mar fez, incontroversamente, jus à vitória.

Em fecho, a apreciação ao trabalho do árbitro. O sr. Carlos Dinis foi imparcial, mas teve ligeiros deslizes. Peremptório — e certo, temos de aceitar — na expulsão de Sobral, deverá ter sido iludido no «caso» da lesão de Farias, que julgou tratar-se de simulação do jogador farense — pois não acreditamos que ‘lhe virasse ostensivamente as costas sabendo-o lesionado de verdade. Seria desumanidade! É óbvio, pois, que não deve ser considerado réu culpado no incidente.

Estrangeiros no Basquetebol Nacional

par, comungando de alma e coração, num movimento generalizado de que o basquetebol nacional é, no fundo, o grande beneficiário.

Por outras palavras, é função essencial desses elementos ensinar o basquetebol em todos os seus aspectos e difundir esse mesmo ensino levando-o, inclusivamente, às zonas menos evoluídas.

Num dos próximos números reproduzimos as opiniões de vários elementos de uma forma ou doutra ligados à modalidade.

Campeonato Nacional da I Divisão

Injusta repartição de pontos

BEIRA-MAR, 1 — FARENSE, 1

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem ra sr. Carlos Dinis, coadjuvado pelos srs. Orlando de Sousa (bancada) e Carlos Alves (peão) — todos da Comissão Distrital de Lisboa.

Os grupos formaram assim:

BEIRA-MAR — César; Ramalho (Eduardo, aos 74 m.), Marques, Soares e Severino; Inguila (Edson, aos 62 m.) e Colorado; Eurico, Cleo, Alemão e Almeida.

FARENSE — Rui Paulino; Pena, Almeida, Caneira e Assis; Sério, Rui Sousa (Mirabaldo, aos 63 m.) e Manuel Fernandes(Valdir, aos 46 m.); António Luís, Farias e Sobral.

●

Aos 34 m., o algarvio Sobral foi expulso, por ter dirigido palavras impróprias ao árbitro, discordando duma decisão do sr. Carlos Dinis.

●

0-1 *Aos 60 m., em lance de contra-ataque sumário, o Farense fez o seu golo. Rui Paulino deu a bola a Sério, que a lançou, em passe alongado, para a área do Beira-Mar, entre Marques e Soares. Aí surgiu FARIAS, para vencer a disputa com os defensores locais e atirar à baliza, com êxito. O esférico terá tocado num pé de Marques, saindo sobre César, para tabelar na barra e ressaltar para as malhas.*

1-1 *Aos 88 m., sob insistência do defesa Marques, em «tabelinha» com Edson, a bola acabou por ser cedida a ALEMÃO que, já na grande área, atirou fora do alcance de Rui Paulino, para a direita do guardião algarvio.*

Dentro das quatro linhas que delimitam o relvado, e ao longo de noventa minutos disputados com imensa vivacidade e permanente interesse, os futebolistas aveirenses tudo tentaram para assegurar um triunfo, associando-se, assim, à efeméride que o clube estava a comemorar, no domingo — o seu 51.º aniversário.

E bem mereciam ter vencido, os beiramarenses. Dominando, insistentemente, os homens do Beira-Mar justificavam, já ao intervalo, confortável margem de golos. A pressão dos aveirenses chegou a ser avassaladora; e, muitas vezes, os algarvios foram coagidos a actuar apenas nos eu meio-campo. Todavia, umas vezes por inépcia na finalização, outros momentos por autêntico azar dos rematadores e, ainda nuns quantos lances, pela relevante exibição de Rui Paulino, o certo é que o zero-zero se manteve inalterável ao longo dos primeiros quarenta e cinco minutos.

Refira-se, para além de portentosa defesa do guarda-redes algarvio, aos 32 m., a desviar para canto um poderoso «petardo» de Colorado, um dos «casos» lamentáveis ocorridos no desafio; aos

Continua na penúltima página

ARQUIVO

Resultados da 16.ª jornada:

MONTIJO — ATLÉTICO . . .	2-0
LEIXÕES — BENFICA	1-5
BOAVISTA — V. GUIMARÃES	1-1
BEIRA-MAR — FARENSE . .	1-1
U. COIMBRA — U. TOMAR .	3-0
SPORTING — PORTO . . .	0-3
BARREIRENSE — V. SETÚBAL	2-3
BELENENSES — C. U. F. . .	1-0

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Benfica	16	16	0	0	54-6	32
Belenenses	16	9	6	1	33-19	24
Sporting	16	9	2	5	34-18	20
Boavista	16	8	4	4	26-26	20
V. Setúbal	16	8	3	5	37-14	19
V. Guimarães	16	7	4	5	25-20	18
Porto	16	7	3	6	23-15	17
Leixões	16	7	3	6	16-22	17
C. U. F.	16	6	4	6	20-21	16
Montijo	16	5	3	8	16-20	13
Barreirense	16	4	4	8	25-38	12
BEIRA-MAR	16	3	5	8	11-30	11
U. Tomar	16	5	1	10	17-37	11
Farense	16	2	6	8	13-31	10
U. Coimbra	16	2	5	9	13-30	9
Atlético	16	1	5	10	18-34	7

Jogos para amanhã:

C. U. F — MONTIJO (1-0)
ATLÉTICO — LEIXÕES (0-1)
BENFICA — BOAVISTA (3-1)
V. GUIMAR. — BEIRA-MAR (0-1)
FARENSE — U. COIMBRA (0-1)
U. TOMAR — SPORTING (0-4)
PORTO — BARREIRENSE (0-0)
V. SETÚBAL — BELENEN. (2-3)

BEIRA-MAR: 51 Anos

VALIOSA PRENDA DE ANIVERSÁRIO — 700 contos

Para as Obras do Pavilhão

No passado domingo, 31 de Dezembro, a Beira-Mar festejou, em jeito de antecipação, o seu 51.º Aniversário — que rigorosamente se cumpria na segunda-feira, dia primeiro de Janeiro corrente. Houve, pela manhã, como é já tradicional, a cerimónia do içar da Bandeira do Clube, missa de sufrágio pelos beiramarenses falecidos e romagem de saudade aos cemitérios aveirenses.

Sobre a transferência das comemorações, o ilustre Presidente da Junta Directiva, Eng.º Azevedo Félix, no intervalo do desafio Beira-Mar — Farense, leu a seguinte comunicação aos sócios através da instalação sonora do Estádio de Mário Duarte:

O Sport Clube Beira-Mar comemora hoje o fecho do ano do seu cinquentenário, o que quer dizer, também, que faz amanhã anos — 51 anos, uma linda idade!

Habitualmente, realiza, no dia do seu aniversário, um acto de muito repeito e simbolismo: visita os dois cemitérios da cidade, onde depõe flores nas campas dos sócios fundadores, e em homenagem a sócios e atletas em geral, que já nos deixaram. Este acto é antecipado pelo içar da Bandeira, na Sede, e de Missa.

Como sempre, têm-se junto aos poucos (infelizmente) que comparecem as duas corporações de Bombeiros da Cidade

Continua na penúltima página

XADREZ DE NOTÍCIAS

Recomeça esta noite o Campeonato Nacional de Andebol de Sete, com os desafios referentes à 12.ª jornada, primeira da segunda volta, em que se inclui o jogo Beira-Mar — Benfica — marcado pela Federação para amanhã, domingo, pelas 17 horas. O desafio será transmitido, em directo, pela T. V.

Inicia-se no próximo sábado, 13 do corrente, o Curso de Treinadores de Hóquei em Patins promovido pela Associação de Patinagem de Aveiro — registando-se a inscrição de mais quatro candidatos: Luís Almeida Neves (de Aveiro), Manuel Amorim Ferreira da Costa (de Oliveira de Azeméis), Manuel Vieira Cortez e Fernando Sousa Rodrigues (ambos de S. João da Madeira).

Após a paragem do último-fim-de--semana, os Campeonatos Nacionais de Basquetebol voltam ao seu curso normal, a partir de hoje — cabendo aos clubes do nosso Distrito o seguinte programa geral:

I DIVISÃO — Galitos — Algés (hoje, às 18 horas) e Galitos — Benfica (amanhã, às 17,30 horas).

II DIVISÃO — Naval — Illiabum e Sanjoanense — Leça (hoje, à noite); e Esgueira — Leixões (amanhã, às 10,30 horas). «Folga» a turma do Sangalhos.

Os dirigentes da Associação de Patinagem de Aveiro tencionam, logo que seja possível utilizar o Pavilhão do Beira-Mar, organizar naquele recinto um festival de hóquei em patins que incluirá, possivelmente, um jogo F. C. do Porto — Benfica.

Principia a disputar-se, no dia 14 do corrente, o Campeonato Distrital da II Divisão da A. F. de Aveiro — a que, após a desistência do Sporting Clube da Poutena, concorrem as seguintes onze equipas :

Macinhatense, Severense, Casa do Povo do Luso, Avanca, Pampilhosa, Beira-Vouga, S. João de Ver, Cesarense, Pinheirense, Bustos e Fogueira.

ESTRANGEIROS NO BASQUETEBOL NACIONAL

ARTIGO DO DR. LÚCIO LEMOS

(1) *Um dos assuntos de carácter desportivo que, de certo modo, tem agitado a opinião de dirigentes, técnicos, praticantes, jornalistas e público adepto da modalidade é o que diz respeito à presença de estrangeiros no basquetebol.*

Em recente edição do «Litoral» tecemos algumas considerações a propósito daquilo que intitulámos como «O melhor Contributo de Dale Dower», o excelente jogador americano ao serviço do F. C. do Porto.

Hoje vamos transmitir aos nossos leitores, duma forma mais correcta, o que neste momento, pensamos acerca da presença dos estrangeiros ao serviço do basquetebol nacional.

Assim:

A vinda de basquetebolistas estrangeiros de craveira que os recomende, só tem razão de ser desde que esses mesmos elementos se disponham a trabalhar a sério e em profundidade durante um período de tempo nunca inferior a três anos, período durante o qual eles tem estrita obrigação de transmitir tudo quanto faz parte da sua bagagem, não só aos treinadores e praticantes das diversas equipas de seniores e de jovens (mini, iniciados, juvenis e juniores) mas também aos próprios elementos do tão desprotegido sector da arbitragem.

Além disso, devem incumbir-se da realização de cursos de treinadores e serem os elementos dinamizadores onde esteja concentrada a sua acção e bem assim naquelas localidades situadas nas redondezas que mostrem e justifiquem indiscutível interesse em partici-

Continua na página sete

LEMA PARA O HÓQUEI AVEIRENSE

COMEÇAR O ANO A MATAR E ACABÁ-LO A MORRER!

Quando da primeira visita oficial da Direcção da Federação Portuguesa de Patinagem ao nosso Distrito, em 18 de Novembro último, o dinâmico Presidente da Associação de Patinagem de Aveiro, Eng.º Manuel Bola, pronunciou expressivo discurso, no decorrer do jantar de homenagem aos dirigentes federativos. Traçou, com mão firme, a história da A. P. A. e apontou o rumo seguro que há para seguir, para incremente e progresso do hóquel em patins aveirense. Pelo seu manifesto interesse e pela sua permanente actualidade, publicamos, hoje, as palavras do Eng.º Manuel Bola.

Pela primeira vez, visita oficialmente o noisso Distrito, a Direcção da Federação Portuguesa de Patinagem.

Os filiados da Associação de Patinagem de Aveiro receberam V. Ex.as, esta manhã, ou esta tarde, com o seu tradicional espírito acolhedor, e tenho a certeza de que interpreto os desejos de todos, ao dizer-lhes quanto foi imensamente grata esta visita.

Seguiram, V. Ex.as, atentamente, todas as explicações, ansiedades e problemas fundamentais que lhes foram apresentados e, com a muita experiência que têm, puderam observar as dificuldades reais dos nossos clubes, os seus anseios, e a maneira como vive por aqui o hóquei em patins.

Em todas as circunstâncias, esta visita seria mais que conveniente; mas, de momento, acumulam-se problemas de tal modo pertinentes, que se tornava ponderoso que os ilustres dirigentes que governam a modalidade no País pudessem observar, pessoalmente, eta região, de tão ricas tradições e de tão grande valor.

Queremos crescer equilibradamente, ouvindo sempre sábios conselhos de homens dedicados há muitos anos ao hóquei em patins, e poder merecer deles, por conhecimento de causa, a sua atenção para com os nossos problemas e os nossos legítimos interesses.

A Associação de Patinagem de Aveiro nasceu sob o signo de passar, permanentemente, por momentos críticos. Desde a sua fundação, à ainda incompleta restauração territorial, há já uma bela história para se contar, e recordar, e em que sempre houve uma só conveniência — a de conseguirmos, resolutamente, uma Associação de Patinagem ùnicamente do Distrito, que abrangesse toda a mesma área, para que, aalvez como poucas sejam capazes de o fazer, defender, como um escudo, todos os seus filiados.

O início desta nova época, traz--nos já a feliz novidade de que está atingida mais uma meta, pois a Direcção da Federação chegou já à conclusão que os clubes componentes da nossa Associação, para 1973 e anos seguintes, terão de ser só clubes do Distrito.

Poderá parecer simplesmente justa esta decisão, mas a generosidade que têm tido para connosco tem muita influência. Não nos esqueceremos de retribuir esta actuação, comprovando, em breve, que se ela se justifica neste momento, ainda será mais útil para o futuro.

Já repararam, de certo, que pensamos, permanentemente, em desenvolvimento.

Pode dizer-se que, quotidianamente, os directores da A. P. A. — um pouco como sucede em larga escala com os senhores da Federação — pensam em acção, meditando na responsabilidade que cai sobre nós, embora contrariando o que se ouve dizer muitas vezes, de que certas atitudes deviam pertencer aos clubes e não às Associações. É errado esse critério. Dessa forma levaríamos a modalidade, como infelizmente sucede com outras, a um progresso muito pobre e muito lento, ficando-se sob a alçada de comentários bem mais graves. Os directores de uma Associação têm de continuamente dinamizar a actividade que servem, de constantemente criar ideias novas, de prever com razoável antecedência as suas provas habituais. E sempre que surja uma brecha, também lhes compete organizar novos torneios ou fazerem jogos de propaganda. Numa palavra, meus senhores, «começar o ano a matar e acabá-lo a morrer!»

Mas, se o planeamento nos compete, já o labor tem de ser comum. Cada camisola que um atleta de um nosso clube enverga tem, acima de tudo, o altíssimo dever de representar o melhor que puder e souber, o povo da sua terra ou os associados da sua agremiação. Aos seus dirigentes compete-lhes interessarem-se pelo problema geral do Distrito, pelas realidades que nos restringem, e muito, pelo fraterno contacto humano,

Continua na página sete

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 19 DO «TOTOBOLA»

14 de Janeiro de 1973

1 — Boavista — Atlético	1
2 — Beira-Mar — Benfica	x
3 — U. Coimbra — V. Guimarães . .	2
4 — Barreirense — U. Tomar	1
5 — Belenenses — Porto	2
6 — V. Setúbal — C. U. F.	1
7 — Gil Vicente — Oliveirense . . .	1
8 — Penafiel — Académica	x
9 — Riopele — Varzim	x
10 — Espinho — Famalicão	1
11 — Almada — Sintrense	1
12 — Seixal — U. Leiria	x
13 — Caldas — Nazarenos	1

AVEIRO, 6-JANEIRO-1973

ANO XIX - N.º 944 - AVENÇA

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO